



O papel do Brasil na rede de comércio mundial: houve mudanças?

Carla E. F. de Lima*, Ivette Raymunda Luna Huamani.

Resumo

Este projeto tem como objetivo central a realização de um estudo das redes mundiais de comércio e a sua relação com o desenvolvimento tecnológico das nações e de seus membros. Dada a complexidade do tema, o recorte do projeto será afunilado para que todo esse processo tenha como protagonista de pesquisa o Brasil. O trabalho será desenvolvido por meio da análise de redes de comércio global, fazendo uso de instrumentos de análise de redes socioeconômicas e as bases de dados da UNCTAD. Assim, pretende-se analisar se houve mudança na participação brasileira no comércio global, dentro dos fluxos de comércio que demandam maior intensidade tecnológica. Assim, será possível evidenciar através de dados, a fragilidade brasileira nos setores de produtos manufaturados, podendo associar este fator ao desenvolvimento e investimento tecnológico.

Palavras-chave: Indústria, Redes socioeconômicas, Inovação

Introdução

Será apresentada uma análise do período de 1995 e de 2016, a partir de dados disponíveis do data center da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento e Indicadores de Desenvolvimento do Banco Mundial. O trabalho focalizou na Análise de Redes, sendo utilizados 211 países, que tiveram como critério de seleção a permanência de dados de importação e exportação para os anos de 1995 e 2016.

Para que uma nação venha a ter papel de destaque nas redes de comércio de alta tecnologia, é necessário que haja um investimento prévio em inovação. A inovação terá papel de destaque no posicionamento do país nas redes, fazendo com que seu número de links com outras nações seja expandido, aumentando sua influência diante do comércio e sua competitividade diante das economias.

Resultados e Discussão

A caracterização das redes de comércio de alta intensidade tecnológica foi feita baseada no grau de centralidade das mesmas. Os graus de entrada (Input) e saída (Output) são medidas de conectividade local, e indicam o número de parceiros em termos de importadores e exportadores de um país. As medidas de centralidade para os anos de 1995 e 2016 nos mostraram os dez países com mais parceiros de exportação e importação em termos de produtos de alta tecnologia.

Em 1995 temos a liderança do Reino Unido no número de parceiros de importação, seguido por grande maioria de países também europeus. Já em 2016, temos a liderança americana e a entrada de Cingapura, representando as economias asiáticas. O Brasil, em termos de parceiros de importação não ficou entre os 10 maiores países em nenhum dos dois anos estudados, mas teve uma leve melhora em sua posição, passando de 43º lugar em 1995 para 39º em 2016.

Com relação aos parceiros de exportação (Output), temos em 1995 uma liderança também do Reino Unido, que permaneceu em 2016. Além disso, as economias asiáticas ganham espaço em 2016. Observando a variável central na pesquisa, o Brasil, vemos ainda uma posição vulnerável em termos de parceiros de exportação, ficando em 29º em 1995 e 28º em 2016.

O que falta para o país é uma possível articulação entre sistema público e privado e financiamento e pesquisa, meios que podem ser úteis para sua chegada na fronteira tecnológica (Chaimovich, 2000). Diferentemente dos países asiáticos, que encontraram sua liderança nos últimos anos, a economia brasileira possui uma baixa produção científica. Além disso, o setor produtivo do país utiliza mal seus recursos disponíveis e o fluxo geral de informações não é fortalecido tanto pelo empenho do setor público quanto privado (Albuquerque, 1996).

Conclusões

Diante da baixa evolução do Brasil nas redes de comércio de alta tecnologia (HTE), ficando sempre abaixo das dez maiores economias para os anos de 1995 e 2016, vê-se que o país encontra-se longe da fronteira tecnológica necessária para sua inserção de forma ativa nas relações comerciais. Diferentemente das grandes economias asiáticas, destaques da pesquisa pela grande evolução durante o período analisado, a economia brasileira não conseguiu articular políticas econômicas eficientes, juntamente a um setor privado ativo e um setor público mais articulado.

O cenário atual e a postura brasileira tendem a colocar a nação cada vez mais como primária exportadora, estando longe de se inserir nas redes de comércio de alta tecnologia. O caminho para tal processo mostra-se árduo, diante da concorrência com potências desenvolvidas, que desde 1995 têm orientado suas políticas para aumentar a competitividade industrial, utilizando para tanto a política tecnológica como instrumento de política industrial.

Agradecimentos

A Ivette Raymunda Luna Huamani, pela ajuda e mentoria. Ao Pibic/CNPq, pelo fomento à pesquisa.

CHAIMOVICH, Hernan. Brasil, ciência, tecnologia: alguns dilemas e desafios. Estudos avançados, v. 14, n. 40, p. 134-143, 2000.

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta. Sistema nacional de inovação no Brasil: uma análise introdutória a partir de dados disponíveis sobre a ciência e a tecnologia. Revista de Economia Política, v. 16, n. 3, p. 63, 1996.